

Falar em Línguas

Brian Schwertley

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Após os discípulos terem sido batizados no Espírito Santo, “todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (Atos 2:4). Quando os apóstolos foram cheios com o Espírito Santo, eles se tornaram os porta-vozes do Espírito falando em línguas (isto é, idiomas estrangeiros pronunciados) a uma grande multidão de judeus estrangeiros. Porque o dom de línguas é grandemente mal-entendido em nossos dias (primariamente pelos carismáticos), é importante que definamos cuidadosamente o fenômeno bíblico de línguas. O que são as línguas bíblicas? Deveríamos esperar ver o dom de línguas praticado hoje? Os crentes deveriam buscar o dom de línguas? Essas e outras perguntas serão respondidas à medida que estudarmos as línguas na Escritura. Há muitas áreas a serem consideradas.

(1) O termo *línguas* (do grego *glossa*, plural *glossais*), quando usado com respeito ao discurso humano, sempre se refere ao falar idiomas humanos existentes.² Na tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta), a palavra *glossa* ocorre trinta vezes e sempre se refere a idiomas humanos reais.³ No livro de Atos, onde somos introduzidos ao fenômeno sobrenatural do falar em línguas, Lucas enfatiza o fato que os apóstolos estavam falando idiomas humanos reais e conhecidos. “Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?” (Atos 2:5-8). Que os discípulos estavam falando idiomas humanos reais é evidente a partir das seguintes observações.

(a) As línguas foram imediatamente entendidas pelos ouvintes de várias províncias Romanas e nações sem qualquer necessidade de interpretação. Esse

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2007.

² Quando não se referindo a idiomas falados, o termo pode se referir ao órgão corporal chamado de língua; um grupo étnico separado por idioma; ou um termo descritivo indicando uma figura (e.g., “línguas como de fogo,” At. 2:3).

³ Veja John F. MacArthur, Jr. *The Charismatics: A Doctrinal Perspective* (Grand Rapids: Zondervan, 1978), 159.

fato pode somente significar que os apóstolos estavam falando idiomas reais e normais. Lembre-se que o milagre ou sinal estava no falar; *não* no ouvir. Os ouvintes nesse ponto não eram nem mesmo crentes. “O que esse falar ‘com línguas diferentes’ significa é declarado no v. 6: ‘afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua’; e no v. 11: ‘como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus’. Os discípulos falaram em idiomas estrangeiros que eram até aqui desconhecidos para eles, nos próprios idiomas dos nativos das nações estrangeiras que estavam naquele momento reunidos diante deles.”⁴ Como se para enfatizar que os discípulos estavam falando idiomas reais e não algaravias,⁵ Lucas até mesmo lista as pessoas que ouviram suas línguas nativas: “Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?” (Atos 2:9-11).

(b) Em Atos 2, *glossais* é usado por Lucas intercambiavelmente com *dialektos*, que o eminente lexicógrafo J. H. Thayer define como “a língua ou idioma peculiar a algum povo”.⁶ Obviamente, se Lucas usa línguas (*glossais*) e idiomas (*dialektos*) de uma forma paralela ou sinônima, o falar em línguas não pode se referir a algaravia. “A equação de ‘língua’ e *dialektos* no versículo 8 mostra que o falar em idiomas diferentes é o significado pretendido.”⁷ Os idiomas são listados nos versículos 9 a 11.

Quando encontramos o falar em línguas novamente em Atos, no capítulo 10, somos informados por Lucas que os gentios tiveram a mesma experiência que os crentes judeus do capítulo 2. No relato histórico, Pedro diz que os gentios “assim como nós, receberam o Espírito Santo” (v. 47). Ele diz à igreja de Jerusalém que “caiu o Espírito Santo sobre eles [os gentios], como também sobre nós, no princípio” (At. 11:15). Novamente, o apóstolo diz que Deus deu aos gentios “o mesmo dom que a nós nos outorgou” (v. 17). Pedro é cuidadoso em apontar (primeiro para os seus companheiros judeus na casa de Cornélio, então para o primeiro concílio da igreja) que a experiência dos gentios e a dos judeus tinha sido a mesma. “Essa semelhança de experiência estende-se não somente ao fato de receber o Espírito, mas à natureza do falar em línguas com idiomas estrangeiros”.⁸ Assim, não há um pingão de evidência

⁴ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Minneapolis: Augsburg Pub. House, 1961), 61.

⁵ Nota do tradutor: Ou seja, linguagem confusa e ininteligível (sem sentido). Praticamente todos os pentecostais afirmam que as línguas não têm significado, pois somente Deus as entende.

⁶ Joseph Henry Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament* (Lafayette, IN: APYA, 1979, 81), 139.

⁷ Ernest Haechen, *The Acts of the Apostles* (Philadelphia: The Westminster Press, 1971), 168.

⁸ Robert G. Gromacki, *The Modern Tongues Movement* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1971), 61.

dentro do livro de Atos que o falar em línguas seja algo outro que não *idiomas estrangeiros reais*.

O fato que as línguas no livro de Atos *sempre* se referem a idiomas humanos reais não é considerado significativo ou nem mesmo é aceito por todos os cristãos professos. Por exemplo, a maioria dos carismáticos argumentaria que existem três tipos diferentes de línguas no Novo Testamento. Existem línguas que ocorrem como evidência inicial de ser batizado no Espírito Santo. Existem as línguas especiais para edificação na adoração pública, bem como as “línguas celestiais” ou as línguas usadas para a oração privada. Porque existem diferentes tipos de línguas (somos informados), então algumas vezes as línguas podem ser um idioma estrangeiro real, enquanto em outros momentos pode ser uma linguagem extática celestial desconhecida na Terra. Embora essa visão seja popular, veremos que todo uso de línguas no Novo Testamento é um idioma humano real.

Examinemos primeiramente as línguas usadas para edificação na adoração pública. Em 1 Coríntios, Paulo discute o uso de línguas na adoração pública porque em Corinto os crentes estavam abusando desse dom. Eles estavam falando em línguas ao mesmo tempo (14:23) e estavam falando em línguas sem terem as línguas interpretadas (14:13-17). Quando Paulo discute a necessidade das línguas serem interpretadas (14:26, 28; cf. 12:10), ele usa uma palavra grega que se refere à tradução de um idioma estrangeiro. Quando essa palavra (*hermeneuo*) não é usada para descrever a exposição da Escritura, ela simplesmente significa “traduzir o que foi falado ou escrito num idioma estrangeiro para o vernáculo.”⁹ Quando a palavra é usada para a exposição da Escritura (e.g., Lc. 24:27), ela é traduzida como *expor*. Quando a palavra *hermeneuo* é usada com respeito a línguas, ela é traduzida como *interpretar*. Um intérprete é alguém que traduz um idioma estrangeiro para um idioma compreensível para a audiência presente. Que Paulo estava se referindo a idiomas humanos reais, e não a alguma forma de tagarelar estático, é provado também pelo contexto. Observe a analogia do apóstolo entre línguas e idiomas humanos reais. “Há, sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo; nenhum deles, contudo, sem sentido. Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim” (1Co. 14:10). “Nós...vemos que o que Paulo descreve aqui se refere a idiomas estrangeiros. O locutor usa sua ‘voz’ quando está falando o idioma que é incompreensível para Paulo. O termo ‘bárbaro’ [estrangeiro, na NKJV]¹⁰ estabelece o ponto com respeito à ‘voz’ que é usada quando se fala um idioma estrangeiro e, assim, também no caso análogo quando um membro da igreja similarmente usa sua voz no falar com línguas (idiomas humanos

⁹ J. H. Thayer, *Greek-English Lexicon*, 250.

¹⁰ Nota do tradutor: A versão Almeida Revista e Atualizada traz “estrangeiro”, enquanto a Corrigida “bárbaro”.

estrangeiros).”¹¹ A única razão pela qual as línguas devem ser interpretadas (isto é, traduzidas) é para que as pessoas no culto de adoração pública possam entender o que está sendo falado, e assim serem edificados com isso.

Que as línguas faladas em 1 Coríntios 14 são idiomas humanos reais é também suportado pelo ensino do apóstolo nos versículos 21 e 22: “Na lei está escrito: Falarei a este povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor. De sorte que as línguas constituem um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos...”. Aqui, línguas são comparadas a um idioma real e estrangeiro. Paulo cita uma seção de Isaías (28:11), que se refere à vinda dos assírios contra Judá (cf. 2 Reis 17-18). As línguas estranhas (isto é, o idioma estrangeiro) dos assírios era um sinal para a nação apóstata de um julgamento iminente. Gramaticalmente, as línguas (isto é, um idioma humano real) do versículo 21 devem ser o mesmo tipo que as línguas mencionadas no versículo 22: “Se Paulo considerasse o falar em línguas como um discurso sem sentido [isto é, tagarelice ou algaravia extática], ele não teria usado a mesma palavra duas vezes nesses dois versículos, especialmente visto que o significado de *glossa* estava claramente estabelecido no primeiro uso”.¹² “Uma coisa é absolutamente clara. Esses versículos mostram conclusivamente que as ‘línguas’ não eram algaravia, mas idiomas estrangeiros naturais.”¹³

Mas o que dizer sobre as línguas das orações privadas? Não existe prova bíblica que os crentes poderiam falar com Deus numa língua desconhecida, para edificação privada? Não! O ponto de vista carismático comum é imposto na Escritura. À medida que examinarmos as três passagens (Rm. 8:26., 1Co. 13:1; 14:2-4) comumente usadas como textos prova para uma linguagem de oração celestial privada especial, veremos que a visão carismática não tem nenhuma base bíblica, de forma alguma.

Uma passagem usada como texto prova na verdade não tem nada a ver com línguas: “Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, *com gemidos inexprimíveis*” (Rm. 8:26). Gemidos inexprimíveis ou inexprimidos obviamente não pode se referir a línguas. Visto que a intercessão do Espírito não pode ser articulada (isto é, falada ou expressa), os gemidos devem ocorrer no coração dos crentes, quando eles se dirigem ao trono da graça.

¹¹ C. H. Lenski, *The Interpretation of I and II Corinthians* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1963), 588.

¹² Gromacki, 64.

¹³ Gordon H. Clark, *First Corinthians* (Jefferson, MD: The Trinity Foundation, 1991), 240.

Outro texto provado é 1 Coríntios 13:1: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos”. Os carismáticos ensinam que Paulo está identificando duas formas separadas de línguas. O erudito pentecostal Robert E. Tourville escreve: “Em 1 Coríntios 13:1, Paulo declara a possibilidade de falar em línguas de homens (idiomas estrangeiros), e não de anjos”.¹⁴ Na verdade, o contexto e a gramática grega (*ean* com o subjuntivo) deixa muito claro que o apóstolo não estava instruindo os cristãos sobre a importância de dois tipos separados de línguas, mas estava simplesmente falando hipoteticamente para estabelecer um ponto. Ele *não* instrui a igreja a orar nas línguas dos anjos. Antes, Paulo estava dizendo que, não importa quão grande seja o seu dom espiritual (isto é, mesmo que você pudesse falar o idioma dos anjos), você precisa amar. Embora os anjos possam de fato ter o seu próprio idioma separado, a preocupação do apóstolo aqui é a necessidade do amor cristão. Os coríntios estavam obcecados com os dons espirituais especiais e estavam exercendo tais dons de uma maneira egoísta, centrada no eu e sem amor. Paulo corrige isso contrastando o amor com um exagero (isto é, um dom que estava além do que o apóstolo era capaz) superlativo. Lenski escreve: “A irrealidade da suposição de Paulo reside na suposição geral como tal. Paulo tinha esse dom num alto grau, 14:18, mas ele poderia falar somente em alguns idiomas humanos estrangeiros e de forma alguma em todos eles, e de modo algum no idioma dos anjos. O que ele aqui supõe é a capacidade de usar todo e qualquer idioma, incluindo o celestial. Ele estende o dom até a sua altura máxima, além do que ele era ou poderia ser. ‘Todavia, se não tiver amor’, mesmo com esse dom supremo, seria tudo em vão no que diz respeito ao propósito de Deus na concessão de tais dons.”¹⁵

Além do mais, e se os cristãos pudessem falar nos idiomas dos anjos? Ele seria semelhante à algaravia sem sentido praticada nas igrejas carismáticas? Não, não seria. Todos os idiomas têm uma estrutura gramatical discernível. Os lingüistas têm a capacidade de examinar qualquer idioma (mesmo idiomas com os quais não são familiares) e determinar padrões: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, etc. Assim, se as pessoas estavam realmente falando nas línguas dos anjos, isso poderia ser determinado observando-se se um idioma real (embora celestial) estava sendo falado.

O melhor texto prova para oração privada em línguas é 1 Coríntios 14:1-5: “Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis. Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando. O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que

¹⁴ Robert E. Tourville, *The Acts of the Apostles* (New Wilmington, PA: House of Bonn Giovanni, 1983), 33-34.

¹⁵ R. C. H. Lenski, *I and II Corinthians*, 546.

profetiza edifica a igreja. Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis; pois quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas, salvo se as interpretar, para que a igreja receba edificação”.

A primeira coisa que precisa ser observada com respeito a essa passagem é que, a despeito da interpretação que alguém faz de “a si mesmo se edifica” (v. 4), as línguas mencionadas em todo o capítulo 14 são idiomas estrangeiros reais definidos. Esse ponto foi estabelecido: (a) pela palavra grega para interpretar (*hermeneuo*), que significa “traduzir de um idioma estrangeiro para o vernáculo”; (b) pela analogia entre línguas e idiomas estrangeiros reais nos versículos 10 e 11; e (c) pela comparação de línguas com o idioma estrangeiro real dos assírios nos versículos 21 e 22. Além do mais, se Paulo estivesse mudando de línguas celestiais privadas nos versículos 4 e 5 para línguas como idioma estrangeiro em público no versículo 6 em diante, poderíamos esperar algum tipo de transição indicando tal mudança. Não existe nada dentro do capítulo 14 que indique que o apóstolo cria em dois tipos diferentes (celestial-privada, terrena-pública) de línguas.¹⁶ E, como observado, as “línguas dos anjos” (13:1) era puramente hipotética. Esse fato é importante, pois: (a) Prova que todas as línguas no Novo Testamento são as mesmas línguas de Atos (isto é, idiomas estrangeiros reais); e, (b) se alguém crê ou ensina que 1 Coríntios 14:2-4 justifica o uso privado de línguas nas devoções, então existe um teste objetivo para determinar se um cristão professo está falando algaravia (isto é, sílabas sem sentido e estrutura) ou um idioma estrangeiro real: o falar em línguas privado pode ser gravado e submetido a algum lingüista competente para verificação.

Essa passagem realmente ensina o uso privado das línguas? Não. Paulo está discutindo edificação na assembléia durante a adoração pública. Ele argumenta que prefere a profecia sobre as línguas por causa da sua capacidade superior para a edificação da igreja. Quando ele diz: “Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende”, ele não está dizendo aos coríntios que eles deveriam orar em línguas a Deus em privado; ele está enfatizando que sem um intérprete, ninguém na assembléia entende, exceto Deus. “É igualmente claro que *audéis akouse* [literalmente, ninguém ouve], não significa que as línguas eram inaudíveis, ou que ninguém as escutava, mas que ninguém as achava inteligíveis. Teria o mesmo efeito de

¹⁶ O que, então, Paulo quis dizer quando disse: “Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós” (1Co. 14:18)? Isso significa que Paulo orava em línguas em privado mais que qualquer outro? Não! Paulo falava em línguas mais que qualquer um porque ele estava constantemente pregando o evangelho em novas áreas com diferentes idiomas e dialetos. Assim, Paulo, como os apóstolos em Atos 2, precisava do dom de línguas como um *sinal para os incrédulos* (cf. 1Co. 14:22). Se Paulo tivesse que aprender um novo idioma e/ou dialeto toda a vez que fosse para uma província ou país diferente, o progresso do evangelho teria sido grandemente atrasado.

não ouvir nada.”¹⁷ Da mesma forma, quando Paulo discute orar e cantar com o Espírito (ambas das quais são dirigidas primariamente a Deus), ele deixa claro que isso deve ser interpretado, visto que acontece na adoração pública: “E, se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes?” (1Co. 14:16) É simplesmente uma péssima exegese tomar uma passagem onde Paulo está corrigindo um abuso no culto de adoração pública, e então torná-la uma digressão sobre oração privada devocional. Tal pensamento não estava de forma alguma na mente do apóstolo.

Mas, então, o que Paulo quis dizer quando disse: “o que fala em outra língua a si mesmo se edifica”? Pode alguém pelo menos deduzir a partir dessa declaração que as línguas privadas são úteis para a santificação? Não! Existem várias razões pelas quais tal visão deve ser rejeitada. Primeiro, a ênfase total do capítulo é condenar as línguas não interpretadas como inúteis. O contexto indica que o apóstolo está descrevendo alguém que fala em línguas na igreja (isto é, adoração pública) sem um intérprete. Por todo esse capítulo, Paulo argumenta repetidamente em favor da necessidade de *interpretar* as línguas; de outra forma, a igreja não seria edificada: “Assim, também vós, visto que desejais dons espirituais, procurai progredir, para a edificação da igreja. Pelo que, o que fala em outra língua deve orar para que a possa interpretar” (1Co. 14:12-13). Visto que a ênfase total do capítulo 14 é a edificação do corpo, é provável que “a si mesmo edifica” deve ser tomado como um sentido negativo-pejorativo. Falar em línguas sem um intérprete meramente chama a atenção para uma determinada pessoa, e não beneficia o corpo. Pessoas que falam em línguas sem um intérprete são exibidas.

Segundo, se alguém toma a interpretação carismática comum, ele viola o contexto amplo da Escritura. A visão pentecostal é que os crentes podem ser edificados por um discurso que não é entendido; que um crente pode ser santificado por uma experiência mística e não-cognitiva. O problema com essa visão é que Paulo diz explicitamente que o entendimento é necessário se os cristãos hão de ser edificados (14:5, 9, 12-17). Se um indivíduo pudesse ser edificado sem entendimento, então um grupo de crentes poderia da mesma forma ser. Obviamente, o apóstolo não se contradizeria no mesmo capítulo. Além do mais, não há nada na Escritura que indique que o povo de Deus pode ser edificado misticamente *à parte* do entendimento da revelação divina. Jesus disse: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17:17; cf. 1 Pe. 1:22; 2:2; Sl. 119:9 ss., etc.). Uma pessoa não deveria adotar uma interpretação que contradiz o ensino geral da Escritura.

¹⁷ Archibald Robertson and Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1978), 306.

Alguém poderia argumentar que a pessoa que fala em línguas foi edificada porque Deus lhe deu o entendimento. Em outras palavras, o Espírito capacita o orador a traduzir sua própria mensagem. O problema com essa visão é dupla: (a) Se Deus deu ao indivíduo que fala em línguas o entendimento da mensagem em línguas, então por que essa pessoa não compartilha essa informação crucial com a congregação? (b) Se aquele que fala em línguas tem a capacidade sobrenatural de traduzir suas próprias línguas, então por que Paulo simplesmente não instruiu aqueles que falavam em línguas que transmitissem à congregação tal tradução, ao invés de dar uma dissertação sobre a superioridade da profecia? De fato, Paulo diz no versículo 5 que se aquele que fala em línguas interpretasse o idioma estrangeiro, a profecia não seria superior. O dom de línguas e a interpretação de línguas são dois dons separados. Não existe nenhum exemplo na Escritura de uma pessoa falando em línguas e então traduzindo a mensagem para o benefício da congregação. Uma coisa é muito clara: Paulo não está ensinando que os cristãos deveriam usar línguas não interpretadas em público *ou privado* para serem edificados.¹⁸

Por que é tão importante estabelecer a partir da Escritura que o falar em línguas sempre se refere a idiomas estrangeiros reais, e não a algaravia? É significativo porque nos dá um método objetivo para determinar se o falar em línguas moderno é genuíno, ou um artifício humano sem sentido. Se o movimento carismático é verdadeiramente uma obra de Deus, então alguém deveria ser capaz de verificar isso simplesmente gravando as pessoas falando em línguas, e dando para lingüistas analisarem a fim ver que idioma estava sendo falado. Se as línguas que alguém encontra nas igrejas carismáticas são

¹⁸ Outra passagem que desaprova a idéia de que as línguas podem ser algaravias ou tagarelice sem estrutura é 1 Coríntios 12:10: “a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las”. Gromacki escreve: “Paulo designou o dom de línguas como *gene glossen*, traduzido como “tipos de línguas” (1Co. 12:28). Esse termo *genos* se refere a família, descendência, raça, nação, gênero, espécie e classe no seu uso no Novo Testamento. Ela sempre designa itens que estão relacionados uns com os outros. Existem muitos “tipos” de peixe (Mt. 13:47), mas todos eles são peixes. Existem muitos “tipos” de demônios no mundo (Mt. 17:21), mas eles ainda são demônios. Existem muitos “tipos” de vozes (1Co. 14:10), mas todas elas são vozes. Disso pode ser concluído que existem muitos “tipos” de idiomas, mas todos eles são idiomas. Existem várias famílias de idiomas no mundo: semítico, eslavo, latino, etc. Todos eles são relacionados, visto que possuem vocabulário definido e uma construção gramatical. Paulo não poderia ter combinado idiomas conhecidos e estrangeiros com expressões extáticas desconhecidas sob a mesma classificação. Elas simplesmente não estão relacionadas.” (*The Modern Tongues Movement*, 62). Assim, se existissem dois tipos completamente diferentes de línguas – idiomas conhecidos por um lado, e idioma extático, tagarela, e para oração em privado de outro, como muitos carismáticos afirmam – então o Espírito Santo, que não pode mentir, não teria usado a mesma palavra *genos* para descrever as línguas em 1 Coríntios capítulo doze. Além disso, Hodge adiciona: “Se o significado da frase é assim histórica e filologicamente determinado por Atos e Marcos, ele deve ser determinado também para a Epístola aos Coríntios” (*I & II Corinthians*, 248). Em outras palavras, uma vez que o termo “línguas” é cuidadosamente definido no livro de Atos, não deveríamos esperar que Paulo redefina o termo radicalmente ou acrescente um significado adicional. Se o apóstolo adicionou um significado radicalmente diferente em 1 Coríntios como os carismáticos afirmam, então deveria existir evidência para tal mudança. Como temos visto, o uso de *glosseis* em Coríntios é totalmente consistente com o uso em Atos.

meramente algaravias, e não idiomas reais, então as línguas não são um sinal para os incrédulos, como Paulo afirmou. Um sinal é um milagre publicamente verificável: “Falar em idiomas estrangeiros que não foram aprendidos certamente constituiria um milagre divino; contudo, falar algaravia ou sons desconhecidos pode facilmente ser feito por um cristão ou uma pessoa não-salva.”¹⁹ Todos casos no século vinte onde o falar em línguas carismático foi gravado e analisado por lingüistas, revelou que as “línguas” modernas não eram idiomas reais, mas algaravias. O falar em línguas moderno nem mesmo se assemelha estruturalmente a algum idioma. “A conclusão dos lingüistas indica que a glossolalia moderna é composta de sons desconhecidos – com nenhuma característica vocabular e gramatical diferenciada –, características simuladas estranhas e uma total ausência de características de idioma. Portanto, o caráter essencial desse novo movimento está em desacordo com o fenômeno bíblico de falar em idiomas conhecidos.”²⁰ Assim, concluímos que o falar em línguas moderno contradiz o claro testemunho da Escritura, bem como descobertas empíricas objetivas. Aqui está um desafio para qualquer pentecostal ou carismático: grave o culto da sua igreja e faça com que as “línguas” que são faladas sejam analisadas objetivamente.

Há vários outros indicadores que revelam as línguas modernas como sendo uma fraude. Os carismáticos são ensinados a como falar em “línguas”. É lhes dito coisas tais como: “Agora, ore audivelmente, mas não fale português.” Ou: “Comece a falar as sílabas – simplesmente deixe fluir.” Muitos carismáticos aprendem como falar em “línguas” (algaravia) imitando outros em sua igreja ou numa conferência.

Nós encontramos alguém no Novo Testamento sendo *ensinado* a como orar em línguas? Não, o exato oposto é o caso. Aqueles que falaram em línguas no livro de Atos, por exemplo, nunca perguntaram o que fazer, e nunca foram informados a fazerem ou dizerem algo. Nos relatos bíblicos, as pessoas falaram em línguas espontaneamente. Em Atos 2:4, 10:46 e 19:6, aqueles que falaram em línguas o fizeram sem nenhuma incitação ou preparação. Na verdade, em cada um dos casos, aqueles que falaram em línguas, antes do momento em que falaram, nem mesmo sabiam que as línguas sequer existiam! Assim, não somente o falar em línguas moderno é absurdo sem sentido quando comparado com os idiomas estrangeiros reais falados no Novo Testamento, mas também a forma na qual os carismáticos

¹⁹ Gromacki, 65.

²⁰ *Ibid*, 67. Gordon Clark escreve: “Alguns dos pentecostais modernos, após uma pessoa ter pronunciado uma algaravia, têm um intérprete para “traduzir” a mensagem para a congregação. O livro *The Modern Tongues Movement* de Robert G. Gromacki (Presbyterian and Reformed Pub. Co.) tem a seguinte nota de rodapé na página 114: ‘Walvoord nos fala de um jovem seminarista que memorizou um dos Salmos em hebraico. Durante uma reunião onde as pessoas estavam falando em línguas, ele ficou de pé e fingiu estar falando em línguas enquanto recitava o Salmo. Após ter terminado, o intérprete falhou tragicamente na tradução do que tinha sido dito.’”

“recebem” as línguas é completamente diferente daquela encontrada no registro bíblico. Também, como cuidadosamente observado no início, os dons revelatórios especiais de línguas e profecias cessaram com o fechamento do cânon e a morte dos apóstolos.²¹

Se as “línguas” (isto é, algaravia) modernas são completamente diferentes das línguas da Escritura (que eram idiomas reais e estrangeiros), o que aconteceu com as línguas bíblicas reais? A Bíblia ensina que as línguas e outros dons/sinais sobrenaturais cessaram:

O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, *desaparecerão*, havendo línguas, *cessarão*, havendo ciência, *passará*, porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. (1Co. 13:8-12).

Paulo contrasta os dons revelatórios de profecia, conhecimento especial [ciência] e línguas, que por natureza são parciais e incompletos, com o cânon completo da Escritura (que foi completado com os 27 livros do N.T.).

Aquilo que substituiria e aniquilaria o parcial era algo designado como “perfeito”. “Mas quando o perfeito chegar, o parcial será aniquilado”. É difícil perder o paralelo antitético entre o “parcial” e o “perfeito” (“completo, maduro, pleno”). Visto que o “parcial” fala de profecia e outros modos de discernimento revelacional (v. 8), então parece que o “perfeito”, que suplantaria os tais, representa a Escritura perfeita e final do Novo Testamento (Tiago 1:21). Isso é devido ao fato que os modos de revelação estão sendo propositadamente contrastados. Assim, ela torna o homem de Deus adequadamente equipado para todas as tarefas diante dele (2Tm. 3:16-17). Em outras palavras, haveria um tempo vindouro quando ocorreria a *conclusão* do processo revelatório de Deus.²²

A objeção primária usada contra essa passagem pelos carismáticos tem a ver com a frase “face a face”. Eles argumentam que essa expressão se refere a ver Cristo “face a face” na segunda vinda; assim, os dons sobrenaturais supostamente continuarão até a segunda vinda. Essa interpretação, contudo, deve ser rejeitada pelas seguintes razões: (1) Nosso Senhor disse aos apóstolos que eles seriam capacitados pelo Espírito Santo para completar a sua missão de ensino. O Espírito guiá-los-ia a toda a verdade (Jo. 16:13) e faria que eles lembrassem de tudo o que Cristo tinha lhes dito (Jo. 14:26). Não faz muito

²¹ Nota do tradutor: Ver os capítulos anteriores de *Pentecost and the Coming of the Holy Spirit*, de Brian Schwertley.

²² Kenneth L. Gentry, Jr., *The Charismatic Gift of Prophecy: A Reformed Response to Wayne Gruden* (Memphis Footstool, 1989), 54.

sentido argumentar que devemos esperar pela segunda vinda, quando nossa redenção será completada, para então receber a finalização da revelação com respeito à obra de Jesus. (2) Na passagem sob discussão, existe um paralelo antitético entre o “parcial” (isto é, vários modos de revelação) e o “perfeito”. Dado o fato que Paulo estabeleceu um paralelo ou contraste entre as revelações parciais e a revelação perfeita, faz sentido interpretar o perfeito como o cânon completo da Escritura (o término do N.T.). Paulo está olhando para frente, para a finalização do processo revelatório de Deus. (3) É um fato histórico que todos os modos de revelação especial cessaram com a morte dos apóstolos e a conclusão do Novo Testamento. Crentes vivendo no presente (2004 d.C.) têm exatamente o mesmo número de livros do Novo Testamento que os cristãos que viveram em 67 d.C. (ou se alguém tomar uma data mais posterior para o livro de Apocalipse, 96 d.C.²³). Na verdade, o perfeito chegou e ainda está conosco. Visto que temos um cânon completo, e visto que a Bíblia é tudo que precisamos para a salvação, a vida e a piedade (2Pe. 1:3), a que propósito as línguas e as profecias modernas serviriam? (4) O paralelo que Paulo estabelece no versículo 12 não é entre ser capaz de ver Jesus e não ser capaz de olhar para o Senhor, mas sim entre olhar para um espelho obscuro (*en ainigmati*) – isto é, um espelho de qualidade inferior (Somente pessoas ricas podiam adquirir espelhos de boa qualidade no mundo antigo. Espelhos de qualidade inferior poderiam fazer a rosto parecer distorcido.) – e olhar diretamente para a face de uma pessoa (“Face a face” é uma frase adverbial sem um objeto. Portanto, Paulo não está estabelecendo um ponto sobre alguma face particular.). Paulo está simplesmente contrastando o que é incompleto e, portanto, “turvo” ou obscuro, com o que é completo e claro. Essa interpretação é confirmada pela própria explicação de Paulo na segunda metade do versículo 12, onde o “espelho turvo” é colocado em paralelo com “conhecer em parte” e “face a face” é colocado em paralelo com “conhecer plenamente”.²⁴ Também, se o fator decisivo em receber uma revelação plena da redenção de Jesus era encontrá-lo em pessoa, então nosso Senhor não teria dito aos apóstolos: “Convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros” (Jo. 16:7).

Há vários outros problemas associados com a prática carismática de falar em “línguas”.

(a) A maioria dos carismáticos ensina que *todos* que são batizados com o Espírito devem falar em línguas.²⁵ Assim, os líderes em tais igrejas

²³ Nota do tradutor: É óbvio que ninguém acreditará que o Apocalipse foi escrito após 70 d.C. depois de ler *Before Jerusalem Fell*, de Kenneth L. Gentry Jr. J

²⁴ Nota do tradutor: Na RA lemos simplesmente “então, conhecerei como também sou conhecido”. Contudo, na NVI temos: “então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido”.

²⁵ Essa é a posição oficial das Assembléias de Deus, por exemplo: “O batismo dos crentes no Espírito Santo é testemunhado pelo sinal inicial físico de falar em outras línguas, à medida que o Espírito de Deus

freqüentemente ensinam extensivamente o povo a como falar em línguas. Tal visão, contudo, contradiz claramente a Bíblia. Paulo pergunta: “Falam todos em outras línguas?” (1Co. 12:30). A construção dessa pergunta retórica demanda um *não* como resposta. Quando o apóstolo lista os dons espirituais no mesmo capítulo, ele deixa claro que nem todos os crentes têm o mesmo dom espiritual ao dizer “e a outro, a variedade de línguas” (v. 10, RC). Paulo assume que *somente alguns* crentes tinham o dom de línguas. Além disso, ele diz: “Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas” (1Co. 14:5). Essa declaração sozinha prova que *nem todos* na igreja de Corinto falavam em línguas. Se o apóstolo mantivesse o ensino carismático comum sobre línguas como um sinal inicial *universal* do batismo com o Espírito, ele não teria dito aos coríntios como receber o batismo com o Espírito, para que todos pudessem falar em línguas?

(b) Paulo diz à igreja de Corinto que ninguém deve falar em línguas sem interpretação apropriada (14:28), pois sem uma interpretação a igreja não receberia nenhuma edificação (14:4-5). Todavia, nas igrejas carismáticas é muito comum várias pessoas jorrar algaravias sem nenhuma interpretação.

(c) Também, o apóstolo instrui a igreja a permitir que somente duas ou três pessoas no máximo falem em línguas e esses indivíduos devem fazê-lo alternadamente, para preservar a ordem da igreja (14:27, 30). Todavia, na maioria das igrejas carismáticas inúmeras pessoas (isto é, muito mais de 2 ou 3) falam algaravias ao mesmo tempo. Também, o requerimento bíblico para falar um após o outro não é observado.

(d) A obsessão carismática com as línguas não tem garantia bíblica, dado o fato que o dom é listado por último na enumeração que o apóstolo dá dos dons (12:28).²⁶ Por que não buscar e desejar os dons melhores (1Co. 12:31)? Poderia ser que o falar algaravias sem sentido é muito fácil, enquanto fazer predições detalhadas corretas sobre o futuro ou curar fraturas compostas é muito difícil? É o caso do movimento carismático estar cheio de auto-engano e milagres falsificados?

Fonte: Extraído e traduzido do livro *Pentecost and the Coming of the Holy Spirit*, de Brian Schwertley.

lhes proporciona” (*Constitution of the General Council of the Assemblies of God* [Springfield, MO: Gospel Publishing House, 1983], V:8).

²⁶ Nota do tradutor: Eis o versículo: “A uns estabeleceu Deus na igreja, *primeiramente*, apóstolos; *em segundo lugar*, profetas; *em terceiro lugar*, mestres; *depois*, operadores de milagres; *depois*, dons de curar, socorros, governos, *variedades de línguas*”.